

**“Tudo isso é a família da gente”:
Relações de parentesco
entre camelôs e sacoleiros
em contextos locais e trans-locais**

Rosana Pinheiro Machado¹

Resumo

Neste artigo, mostro alguns arranjos possíveis de estruturação de parentesco – que ocorrem entre vendedores de rua de Porto Alegre – que não necessariamente estão relacionados a vínculos de aliança e/ou consangüinidade. Elaboro, nesse sentido, três modelos analíticos: ‘família de casa’, ‘família da rua’ e ‘família do mundo’. O primeiro trata-se da organização familiar convencional da sociedade ocidental contemporânea (elos de sangue e casamento), enquanto os outros dois constituem-se ‘parentesco simbólico’. Embora cada um dos três arranjos possua seus códigos, fronteiras e linguagens próprias, eles participam de um sistema mais amplo que gira em torno do ofício do vendedor de rua e da comercialização de contrabando.

Palavras-chave: vendedores de rua, contrabando, parentesco, família, Porto Alegre.

¹ Antropóloga e doutoranda do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: rosana.pinheiro@ufrgs.br.

Abstract

In this article I present some possible arrangements of kinship structure – that occurs between street vendors of Porto Alegre – that are not necessarily related to the bonds of alliance and/or consanguinity. I elaborated three analytical models: ‘home family’, ‘street family’ and ‘world family’. The first one is about the conventional family organization of the contemporary Western society (links of blood and marriage). The other two models are related to ‘symbolic kinship’. Although each one of the three arrangements has its own codes, borders and languages, they take part of a wider system that is related to the craft of the street vendors and the contraband sales.

Key words: street vendors, smuggling, kinship, family, Porto Alegre.

Introdução

*Tão clara parece a palavra,
tão próxima a experiência cotidiana à realidade que ela encobre,
que o que se diz sobre a família não deveria constituir mistério...*
(Claude Lévi-Strauss)

O presente artigo analisa as relações de parentesco entre vendedores de rua – camelôs e sacoleiros² – que atuam na região central da cidade de Porto Alegre. Procuro mostrar alguns arranjos possíveis de estruturação de parentesco que não necessariamente estão relacionados a vínculos formados por aliança e/ou consangüinidade.

² Neste trabalho, uso ‘camelôs’ quando estou me referindo aos informantes no âmbito do camelódromo. Nas viagens, falo em ‘sacoleiros’. Mas nem todos os camelôs são sacoleiros, ou seja, nem todos viajam ao Paraguai.

Para tanto, reporto-me a dados etnográficos coletados entre 1999 a 2004. Utilizo, especialmente, anotações de diários de campo oriundos de observação participante e trechos de entrevistas. Durante cinco anos, participei intensamente da rotina do camelódromo da Praça XV de Novembro do Centro de Porto Alegre, acompanhando e registrando o cotidiano de vendas. Além disso, entre os anos de 2003 e 2004, junto com os comerciantes realizei viagens para o Ciudad Del Este (Paraguai), onde eles contrabandeiam suas mercadorias.

O artigo se divide em três partes. Cada qual procura mostrar um arranjo singular de organização de parentesco que se configura na vida cotidiana dos camelôs e sacoleiros. Tais arranjos (com seus significados e fronteiras) serão explicitados na análise que segue.

“Família de casa, família da rua e família do mundo”: Diretrizes teóricas e definições conceituais

A Praça XV de Novembro de Porto Alegre abriga o maior camelódromo regularizado da cidade³. São cerca de 420 bancas de vendas que ficam enfileiradas, cada uma delas agrupa aproximadamente entre dois a quatro trabalhadores. O ofício do camelô é, em geral, executado por redes de parentesco que pressupõem, entre tantas outras coisas, uma divisão de papéis conforme gênero, idade e status.

Percebo, entre esses comerciantes populares, basicamente três arranjos de parentesco que, conforme citei anteriormente, são organizações sociais que não estão alicerçadas apenas na imagem do sangue (consanguinidade) e do casamento (aliança). Exemplifiquemos:

³ Existem outros camelódromos, porém menores. Também há milhares de ambulantes em situação ilegal.

1. **'Família de casa'**, ou 'família da banca': Trata-se do modelo familiar mais convencional na sociedade moderno-contemporânea, ou seja, núcleos familiares domésticos que reúnem pai e mãe, filhos e netos. A organização das bancas, geralmente, reflete esse modelo, pois em cada uma delas trabalham membros de uma mesma família.
2. **'Família da rua'**: É um nível de organização de parentesco simbólico que extrapola os limites da banca e/ou da família doméstica. Na maioria das vezes, trata-se de agregações de vizinhos de banca que acabam gerando laços fortes e duradouros, muitas vezes expressos na formalização do compadrio.
3. **'Família do mundo'**, ou 'Família das viagens': Entre os camelôs que são também sacoleiros, ou seja, que viajam para o Paraguai, estabelece-se uma nova forma de vínculo de parentesco simbólico a partir de uma convivência de longa data no mundo das estradas pelas quais percorrem em busca de mercadorias. É o nível mais amplo de organização de parentesco, pois ultrapassa as fronteiras locais do camelódromo.

Para a elaboração desses três níveis de parentesco entre os camelôs e sacoleiros, fundamento-me em dois referenciais teóricos. O primeiro vem desde o antropólogo culturalista David Schneider⁴ – que escreveu especialmente entre as décadas de 70 e 80 – e se cristalizou nas mais variadas obras das autoras feministas contemporâneas como, por exemplo, Carol Delaney e Sylvia Yanagisako.

A idéia de parentesco simbólico, da qual me utilizo aqui, nasce com Schneider nos anos 70⁵, quando o autor salienta que o entendimento das organizações familiares deve estar vinculado às interpretações nativas,

⁴ Sobre a obra de Schneider, ver Feinberg & Ottenheimer (2001).

⁵ Ver, por exemplo, Schneider (1972).

mas não presas a elas, pois se trata de uma definição que pertence ao domínio cultural. Como uma “ilusão verdadeira”, a família só existe enquanto uma trama de significados entre aqueles que a dotam de sentido próprio. Enfatizando o relativismo, o simbolismo e a dimensão cultural, Schneider dá uma reviravolta na história antropológica dos estudos de parentesco.

As pesquisas dos autores que de alguma forma seguiram Schneider têm ajudado a romper com as noções de família e parentesco relacionadas ao sangue e à reprodução humana (*desnaturalização*). Nesse sentido, abriram portas para a antropologia pensar novas formas desse tipo de organização social, descoladas de suas acepções *biologizantes*. (Eis o que tento fazer aqui)

Já o segundo referencial teórico está relacionado ao modo de vida e organização dos grupos populares. Certeau (2002), ao falar desses setores da sociedade, salienta que eles possuem formas cotidianas e criativas de manipulação de modelos sociais hegemônicos. Na direção de Certeau, Fonseca (2000:07), mais especificadamente em relação aos grupos populares urbanos de Porto Alegre, apresenta o que chama de “construção modelos alternativos de vida social”. Trata-se da análise das estratégias e táticas também cotidianas e criativas presentes na organização dos populares. Segundo a autora, tais modelos “fogem da lógica prevista e previsível da modernidade”.

Assim, entendo que os arranjos que apresento aqui – por não possuírem o plano biológico como cerne da organização de parentesco – constituem-se formas alternativas de vida, criadas no universo cotidiano de atores sociais que manipulam modelos familiares dominantes e hegemônicos do mundo contemporâneo (a família nuclear), recusando-se a compartilhar de uma só lógica familiar. Na realidade, esses grupos mostram que existem múltiplas e elásticas possibilidades de pensar o parentesco, maleáveis ao contexto em que se encontram.

Todavia, a meu ver, analisar os laços de parentesco descolados do plano biológico não é o suficiente⁶. Ou seja, ao analisar organizações alternativas é preciso esforçar-se para se desvincular do modelo familiar genealógico. Afinal, corre-se o risco de conceber os arranjos (da rua e do mundo) como espelhos e/ou meras reproduções daquilo que se procura romper. Na família da rua, por exemplo, não buscarei entender quem exerce o papel da mãe, do pai, do irmão.

Na tentativa de formular os arranjos, pensei quais critérios adotaria para definir como parentesco as relações sociais que eu observava em campo. Não desejava cair na cilada de classificar toda a relação de amizade e reciprocidade como uma forma parentesco. Precisei encontrar características marcantes e duradouras para poder seguir com minha hipótese.

Em primeiro lugar, os próprios informantes da pesquisa se diziam, em diferentes contextos, parentes. Isso não ocorria somente no nível doméstico, mas também na rua e nas viagens. Indo além do discurso dos pesquisados e analisando-os em seu cotidiano, percebi que essas relações se confirmavam e, além disso, os três arranjos apresentavam as mesmas características:

- ◆ Forte código de reciprocidade e mútua ajuda seguido de
- ◆ Sentimento de obrigatoriedade do elo;
- ◆ Continuidade e intensidade do elo;
- ◆ Forte pólo afetivo e
- ◆ Hierarquia e divisão de papéis sociais.

Esses pontos encontrados em comum foram ao encontro daquilo

⁶ Evidentemente, não se trata de negar o plano biológico e a consangüinidade. Conforme salientou Schneider (1992), trata-se de entender que a exaltação dos mesmos está diretamente relacionada aos valores cientificistas da sociedade ocidental moderna.

que alguns autores contemporâneos da Antropologia têm entendido por parentesco, ou seja, conexões duradouras, práticas e trocas sociais que se destacam e são valorizadas pelos informantes (Carsten 2000:4). Para White (2000:124), “kinship is relations of collective reciprocal assistance with no calculation of return. Kinship is not necessarily a correlate of biogenetic or agnatic ties, but rather a culturally defined domain. What is shared is not blood, but labor and obligation”.

Percebe-se o quanto essa conceituação se afasta dos estudos clássicos que tomavam a reprodução humana como valor universal e fundante da família. Afinal, segundo tais concepções, ela teria sua origem no casamento e seria formada por marido, esposa e filhos (Lévi-Strauss 1956, Fox 1986). Portanto, se pretendo inferir que certas relações sociais – que acontecem na rua entre vizinhos, e na estrada entre companheiros de viagens – são parentesco, evidentemente, os princípios acima não se aplicam.

A concepção fechada sobre família apresentada acima, definida por Lévi-Strauss na década de 50, consagrou-se durante muitos anos. Foi a obra de Schneider que estabeleceu um marco de rompimento com esta visão, instaurando uma vertente que pensa o parentesco como uma forma de organização social que pode não ter qualquer alicerce biológico. Os elos, portanto, estão calcados nas obrigações recíprocas, nas lealdades e afinidades.

Todavia, nos anos 80, Lévi-Strauss escreve novamente um texto de referência sobre família, parentesco e casamento em *O Olhar Distanciado*. Neste livro, o autor abre novas e flexíveis possibilidades de conceber o parentesco. Embora suas reflexões ainda permaneçam fundamentadas na aliança conjugal e na filiação, o autor salienta: “tal como existe nas nossas sociedades, a família conjugal não é, pois, a expressão de uma necessidade universal, nem está tampouco inscrita no âmago da natureza humana” (1986:83).

Em meu artigo, a família enquanto união conjugal e filiação não é descartada, evidentemente. Afinal, ela é uma forma de organização de crucial importância em nossa sociedade e valorizada entre os meus informantes. Contudo, ela não é única nem soberana, podendo se entrelaçar com estruturas familiares nada convencionais, como os vínculos oriundos do trabalho na rua e as irmandades criadas em circuitos que transcendem a ordem local.

Para finalizar, saliento que os três arranjos possuem linguagens distintas, dinâmicas próprias e fronteiras bem delimitadas. Porém, isso não significa que se trata de modelos isolados e estáticos. Ao contrário, eles se interpenetram em múltiplos aspectos e, além disso, são partes estruturadas de um sistema de parentesco maior que gira em torno do ofício de camelô e sacoleiro, e da comercialização de contrabando em Porto Alegre e no Brasil. Por isso, o trabalho e a troca são categorias fundamentais para a análise etnográfica que segue.

Da família de casa: “sangue bom para os negócios”

Nesse item, analiso os múltiplos significados e lógicas presentes nos núcleos familiares domésticos de alguns camelôs. A partir de uma informante-chave, explanarei acerca de sua família de orientação e procriação.

Uma das tradições mais antigas no Centro de Porto Alegre é a presença de vendedores de rua desde o século XVIII. Esse tipo de atividade vem se perpetuando nas ruas do bairro, caracterizando-se pelo trabalho familiar e passando de geração em geração. A Legislação Municipal de 1989, que regularizou o camelódromo, seguiu esse princípio: as bancas

devem ser passadas de ‘pai para filho’⁷. Este fator geracional, no qual o aprendizado do ofício passa de pessoa para pessoa, está presente na família de Carminha – a principal informante deste tópico.

Após analisar as trajetórias sociais dos informantes da pesquisa, pude concluir dois fatos: 1) A maioria das bancas é composta por trabalhadores pertencentes a uma rede de parentesco. Todos os camelôs que conheci trabalhavam em família, reunindo, às vezes, até três gerações: avós, filhos(as), e netos(as). Esse nível de organização social entre eles é o que chamam primeiramente de ‘a minha família’. 2) O camelódromo da Praça XV é um lugar heterogêneo, mesclando famílias novas que foram trabalhar na rua em virtude do desemprego com aquelas que estão no ofício porque seguiram uma antiga tradição familiar. Em ambos os casos, ser camelô é, sobretudo, pertencer a uma família de camelô, seja ela nova ou antiga.

Família de Orientação

Carminha (37 anos) já representa a terceira geração de vendedores de rua de sua família de orientação. Atualmente trabalha com carteira assinada para seu pai – o proprietário da banca – e comercializa produtos infantis buscados do Paraguai. Seu pai, Rui (63 anos), é um dos camelôs mais antigos da Praça e aprendeu o ofício também com seu pai que, por sua vez, comercializava mercadorias que atracavam no porto da cidade no início do século XX. A lógica que opera nessa forma de comércio é a de que um filho homem se encarrega de assumir o negócio. Porém, Carminha é mulher e é a única pessoa da família que se interessa pela

⁷ Segundo a Legislação Municipal, as bancas são pessoais, intransferíveis e hereditárias, logo não podem ser alugadas ou vendidas, apenas passadas de pai para filho (o que não acontece na prática).

banca. E isso fez com que Rui lamentasse e desabafasse, certa vez, para mim: “A minha grande tristeza é não ter tido um filho homem...”. O tom da conversa era de que, quando ele morresse, o negócio não teria um ‘pulso firme’. Nesse dia em que eu estava em campo, perguntei: “Mas, e o Maurício?” (referindo-me ao filho homem que eu sabia que Rui tinha). Ele respondeu: “Ele é filho adotivo (...) Minha mulher deu dois filhos nossos e, por remorso, mais tarde adotou a Kelly e o Maurício”.

Diante do fato da adoção, na família de Rui, existem os filhos considerados ‘legítimos’ (Carminha) e os ‘não-legítimos’ (Kelly e Maurício). Contudo, é a consangüinidade que é valorizada e se sobrepõe à divisão sexual do trabalho, no momento em que é preferível ter uma mulher ‘legítima’ assumindo a banca a um homem adotivo. Afinal, segundo Rui e Carminha, “os filhos adotivos não dão para os negócios. Eles não estão nem aí para nada”; demonstrando uma noção dualista entre o ‘sangue ruim’ e o ‘sangue bom’. Evidentemente, o deles (consangüíneos) é o bom, por isso os outros “não dão para os negócios”. Para esses camelôs, “não adianta ensinar o trabalho, quando já nasce torto”, demonstrando uma visão na qual a habilidade do ofício seria uma habilidade presente no sangue (‘bom’)⁸.

Quando conheci Carminha, ela era solteira e sua filha, Camila, tinha quatro anos. As duas moravam em um cortiço do Centro juntamente com Rui, Kelly e Maurício. Como ela mesma se considerava, era “muito namoradeira”. Um dos seus romances foi com um vendedor irregular que atuava fora do camelódromo. Rui, alegando que Carminha “era uma moça de família”, não aprovou o então namoro, pois o rapaz “não tinha nível para ela”, era um “desclassificado”. Esse fato fez com que ela

⁸ O exemplo disso é a posição inferior que Kelly e Maurício ocupam hierarquicamente nos negócios da família. Cada um ganha 25 reais por dia, enquanto Carminha ganha 50. A justificativa para tanto é que Carminha sabe vender mais e, por isso, recebe mais.

abandonasse sua família de orientação e fosse morar com seu namorado, além de parar de trabalhar na banca de Rui. Carminha alugou, em sociedade com o namorado, um ponto no interior do camelódromo e inseriu o vendedor irregular neste universo. Eles vendiam CDs piratas. Ela – com a agilidade nas vendas que aprendeu com pai – tocava o negócio, enquanto ele só pensava em gastar o dinheiro em bebida e jogo. Carminha não hesitou e retornou à casa de origem. Valorizando o laço consanguíneo, segundo suas palavras: “chega de sustentar safado e vagabundo, nossa casa é nossa casa, meu pai coitado...” Isso ocorreu no ano de 2001.

No final daquele ano, Carminha conheceu Chico, um homem que Rui havia escolhido para trabalhar em uma das suas bancas. Pai e filha concordavam que ele era um funcionário exemplar, que detinha todos os quesitos almejados por eles: forte, trabalhador, viajava para o Paraguai e bom vendedor. O romance aconteceu rapidamente e eles se casaram no ano de 2002. Mudaram-se para um apartamento ao lado de Rui no mesmo cortiço. Carminha levou sua filha e Chico aceitou prontamente ajudar a educar. Entre a unidade doméstica da família de orientação de Carminha e da então unidade de sua família de aliança, na disposição física do cortiço, um depósito de mercadorias contrabandeadas do Paraguai os separam. Esse casamento desejado por todos, bem como o rompimento de Carminha com seu ex-namorado, demonstra claramente as fronteiras simbólicas e os valores presentes no interior do camelódromo, ou seja, quem é apropriado para se casar e quem não é. Esse episódio relatado, embora particular, descortina certas barreiras simbólicas e valores presentes no interior das antigas famílias de camelôs. O casamento desejado por todos, bem como o rompimento de Carminha com seu ex-namorado (vendedor irregular), demonstra “quem é apropriado para casar e quem não é”. Ou seja, há uma valorização da aliança entre iguais⁹.

⁹ No primeiro contato que tive com os camelôs, perguntei para o Sr. Evaristo

Por que isso ocorre? Unindo os fatos da preferência pela endogamia e perpetuação consangüínea dos negócios, percebemos a demarcação de fronteiras que distinguem o ‘bom camelô’ do ‘ruim’. Podemos entender isso como um processo de resistência das antigas famílias em relação à explosão de pessoas que foram trabalhar na rua na última década. Há, nas entrelinhas, uma reivindicação de uma identidade singular de comerciante que se expressa, entre tantos outros campos, nas regras de aliança e de continuidade dos negócios, pois sem essas imposições simbólicas, não haveria formas de reprodução das antigas famílias, que se diluiriam nesse enorme contingente que chega às ruas diariamente em busca de trabalho. O que eles estão tentando dizer com essas ações é ‘que ser’ camelô é mais do que trabalhar na rua.

Família de Reprodução

Na primeira vez que fui à residência de Carminha e Chico, surpreendi-me com o que para mim seria uma ‘falta de privacidade’. No entanto, ao mesmo tempo em que aquele apartamento (de apenas uma peça e que abrigava três pessoas e uma imensidão de objetos) causava-me estranhamento, também me sentia mais próxima de Carminha. Afinal, ela tinha naquele espaço um modelo familiar que se aproximava das camadas médias, ou seja, uma família nuclear simplificada no casal e nos filhos. A união conjugal e a soma das rendas individuais fizeram com eles rapidamente se mudassem para um apartamento maior no cortiço – de dois dormitórios. Chico, sempre muito econômico, conseguiu comprar à vista muitos móveis e eletrodomésticos. Carminha, com o que ganhava no jogo de bingo, também conseguiu comprar algumas coisas. O quatro

(diretor do sindicato dos ambulantes) se se tratava de um grupo unido. Ele respondeu-me: “Não só todo mundo é amigo, como também noivos. Olha só aquele guri, vai se casar com a colega!”.

de Camila parece o de uma criança de classe média/alta: dezenas de ursos de pelúcia e brinquedos enchem o espaço e brinquedo algum lhe faz falta.

Não pretendo defender a idéia de que Carminha possui um estilo de vida de camadas médias, cujos traços são individualistas e a família é nuclear. Ao contrário, ao falar sobre sua casa e seu casamento, penso que o mais interessante para a reflexão antropológica é perceber que não existem modelos estáticos de família, pois os traços ditos de classe média e popular se misturam e são manipulados e acomodados num processo de negociações cotidianas. Eu poderia muito bem ser levada pelos dados que tinha e passar a entender a vida conjugal de Carminha como um exemplo de camadas populares que emergiram social e economicamente. E, assim, inferir que se trata de uma família isolada, filiocêntrica, voltada para o lar e caracterizada pelo amor romântico (conforme definição de Parsons 1949).

Porém, diante de uma análise mais aguçada, percebe-se que somente o fato da família de orientação e de reprodução habitarem o mesmo prédio já demonstra que não se trata de uma família isolada. Além disso, não é um prédio comum de camadas médias, é um cortiço cujo pátio é compartilhado e as portas ficam abertas durante todo o dia. Velho (1987:82, 83), ao criticar o modelo nuclear – como unidade de análise – demonstra, citando autores como Bott e Firth, que o isolamento conjugal não é um fato tão homogêneo, em geral, trata-se de núcleos separados, mas que “existe uma articulação entre várias famílias nucleares”. Esse é o caso da configuração espacial e da lógica atuante no cortiço. Ainda seguindo Velho, podemos inferir que mais do que uma família conjugal de classe média, temos uma rede de parentesco mais ou menos extensa que amarra Carminha¹⁰.

¹⁰ Sobre noção de pessoa e modelos familiares de camadas populares, ver Duarte

Para finalizar, apresento alguns comentários de Chico, narrados numa viagem que realizei com ele para o Paraguai. Nesse dia, em que estive ao seu lado durante 16 horas consecutivas em um assento de ônibus, ele falava do quanto desejava se desvincular da família de Carminha. Afinal, era o único que trabalhava de verdade e acabava sustentando pessoas que não eram a família dele. Ele e Carminha gostariam de possuir uma banca própria que não fosse de Rui. Dizia ele: “A Carminha tem medo, não consegue se desgrudar do pai e da mãe”. E mais: “Um dia ela vai ter que escolher se vai embora comigo ou se fica com eles (...). E a Camila? Nem minha filha é... tudo bem, eu cuido dela como se fosse, mas não é. Eu quero ter os *meus* filhos”.

Contudo, ele oscilava em alguns momentos, dizendo o quanto ele é o grande seguidor homem de Rui, afinal, “aqueles irmãos adotivos da Carminha não são de nada”. Em seus comentários, percebemos que existe uma rivalidade entre consangüíneos e afins, além de um conflito entre o casal, expresso na dificuldade de Carminha escolher entre a família de orientação e reprodução. Porém, paradoxalmente, é o próprio Chico que valoriza em seu discurso a consangüinidade e a necessidade de uma perpetuação masculina no ofício.

Por fim, apresentei uma forma de organização de parentesco que, apesar de sua singularidade e diversidade de traços, constitui-se de características convencionais no entendimento do senso comum sobre a noção de família. Afinal, trata-se de um sistema que se orienta a partir de relações pautadas, ou no sangue, ou no casamento. Adiante, essa lógica será rompida totalmente, no momento em que falarei de arranjos de parentesco oriundos de relações de trabalho, vizinhança e reciprocidade.

(1994).

Da Família da Rua: “Anos de Pedra”

Conforme explicitarei, a ‘família da rua’ é um nível de parentesco que não está relacionando, nem com parentes afins, nem com consanguíneos. Trata-se de um vínculo social que acontece, por exemplo, entre vizinhos de bancas. As relações de parentesco que nascem na rua têm uma lógica própria, totalmente autônoma daquela que anteriormente chamei de ‘família de casa’. São outros valores que estão operando e sustentando esse arranjo, por exemplo, a reciprocidade e ajuda-mútua cotidiana.

A ‘família da rua’ está mais relacionada a camelôs do que a sacoleiros. Afinal, estes últimos passam muito tempo na estrada e, por isso, não possuem um vínculo contínuo na rua. É importante salientar que nem todos os vizinhos de banca e colegas de trabalho constroem uma relação de parentesco. Ao contrário, a lógica da competição capitalista é extremamente forte no camelódromo. Para que conexões fortes e duradouras ocorram, é necessária uma espécie de ajuste entre tempo de serviço na rua (o que eles chamam de “anos de pedra”) e afinidade. Esse último quesito está diretamente ligado com a disposição de ambos os vizinhos se ajudarem permanentemente diante das dificuldades que o trabalho da rua impõe.

Apesar de, nesse arranjo social, os camelôs não se chamarem de família, eles se reconhecem como parentes, chamando-se de, por exemplo, compadres e irmãos. Nesse sentido, existe uma linguagem de parentesco operando; fato este que abre portas para pensar tais relações como mais intensas e perenes do que apenas redes sociais de solidariedade. Os anos vividos juntos e, principalmente, uma identidade social construída a partir da valorização do sofrimento do trabalho, são sinais freqüentemente acionados.

Passemos aos exemplos de relações de parentesco que ocorrem no interior do camelódromo.

Anos de Pedra de Amir

Seu Amir tem 53 anos e vende chapéus em sua banca. É um dos anciãos da Praça XV. Casou-se com uma ex-camelô que agora é dona de casa. Ele tem três filhos que também possuem bancas e vendem o mesmo produto. Além de seus filhos, Amir possui pessoas que trabalham para ele há muitos anos e que lhe são extremamente fiéis. Neste círculo de pessoas, duas se destacam: Dona Vilma e José. É possível dizer que, no âmbito do cotidiano da rua, estes dois sujeitos ocupam posições mais importantes do que os próprios filhos de Amir. Situação contrária, por exemplo, à família de Rui, na qual a divisão das tarefas e do lucro deveria ocorrer, preferivelmente, entre parentes consangüíneos ou afins.

Depois de longo tempo observando Amir, José e Vilma, foi possível entender que mais do que relação de trabalho, amizade e reciprocidade, relações de parentesco se estabeleciam ali. Eles mesmos se reconhecem como parentes, alegando muito tempo de “pedra” compartilhado.

Vilma já foi dona de banca, sendo por muito tempo vizinha e grande amiga de Amir. Porém – devido aos problemas de saúde que ocorreram em virtude do trabalho na rua – ela não teve condições de manter seu próprio negócio. Amir agregou-a em sua banca. Ela, então, pegava alguns dos chapéus que eram vendidos na banca e espalhava-os pelas escadas da Praça XV. De fato, ele não precisaria contratá-la, pois possui filhos que poderiam ajudá-lo. Porém, fez questão de abrigá-la e entendia isso como um dever.

Nos anos 70, José graduou-se em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, chegou a trabalhar como radialista, mas logo ficou desempregado. Foi quando conheceu

Amir e passou a trabalhar na rua para ele. Contudo, o laço que se estabeleceu entre os dois supera a relação patrão/empregado. Afinal, José tem sido, na realidade, um grande aprendiz e seguidor de Amir. A continuidade do ofício do antigo camelô parece estar – segundo minha percepção – nas aprendizagens que José demonstra cotidianamente na venda de chapéus. Inclusive, Amir falou que, no final do ano de 2004, vai passar uma de suas bancas para José. Cabe ressaltar que a relação de aprendiz no camelódromo – na qual se repassa um repertório de ensinamentos de vendas e um gosto pela profissão - é bastante comum, seja através de filhos, seja através de funcionários. Origina-se, então, uma identificação recíproca entre patrão/aprendiz.

Sempre quando eu ia à Praça XV, surpreendia-me com os usos que o ‘trio’ fazia da rua: uma verdadeira representação da casa em plenas vias públicas. Amir e seus companheiros costumavam sentar-se sobre cadeiras de praias e ficar durante horas seguidas lendo jornais. A impressão que eles passavam é de estarem no pátio de sua casa, no momento em que ignoravam milhares de pessoas que passavam por entre eles todos os dias.

Anos de Pedra *sem* Vilma

Em julho de 2004, em fase de encerramento do trabalho de campo, fui ao camelódromo conversar com os vendedores. Amir, muito triste, veio informar-me o falecimento de Vilma. Há mais de um ano, ela estava com trombose e não tratava a doença. Quando ficou muito mal, teve que enfrentar alguns dias na fila do atendimento público de saúde, falecendo lá mesmo, antes de ser atendida.

A falta de Vilma desestruturou o cotidiano de Amir e José. Como eles disseram – com lágrimas nos olhos –, “a velhinha deles” dava sentido à rua e agora estava tudo sem graça. Quando vi a reação dos dois

camelôs, certifiquei-me do quão intensa era o vínculo dessas pessoas, visto que a falta de uma delas desorganizava todo um modo de vida. Dizia-me Amir, com José concordando com a cabeça:

Estamos juntos a 30 anos... Fico olhando pros lados, olhando pras escadas onde ela sentava e parece que falta, falta isso, falta aquilo, falta tudo... Mas Deus quis assim e ela vai descansar, sofre quem fica.

No dia em que Amir deu a notícia, puxou-me para um canto e disse que tinha uma coisa séria para me dizer: “Tu sabia que tu era a neta dela?” Eu sorri desconcertada, surpresa e disse qualquer coisa banal. Ele continuou: “É sério. Tu era a netinha dela. Ela disse pra todo mundo na praça que tu era a neta dela. Ela perguntava todo o dia por ti, querendo saber cadê a neta dela. Neta de verdade”.

Tanto a desorganização do cotidiano e a conseqüente perda de sentido da rua, quanto o fato de Vilma me considerar uma neta (‘de verdade’) reafirmam o argumento do ‘parentesco simbólico’¹¹. Afinal, ficamos evidente que esses indivíduos criam suas relações a partir de critérios totalmente desvinculados às convencionais noções de parentesco. Chamar-me de neta¹² significa buscar uma expressão na nomenclatura genealógica que expressasse uma relação de afeto, pautada pela diferença geracional. O próprio Amir dizia: “morreu porque não tinha filhos que prestassem, tudo uns frouxos!” Ou seja, os laços consangüíneos de Vilma

¹¹ Poucas pessoas davam atenção à Vilma, pois era uma senhora discreta que ficava parada num canto, sempre muito quieta. Eu desorganizava isso, fazendo ela se levantar para tirar fotos, enchi-a de elogios, ela ficava envergonhada, mas feliz. Realmente eu gostava muito dela, pois seu carisma era impressionante. Outras pessoas disseram-me que fui uma das únicas pessoas, além dos companheiros de trabalho, que “enxerguei” Vilma.

¹² Vilma tinha netas biológicas.

eram frágeis; os laços da rua, fortes e consolidados.

Anos de Pedra de Carminha

Carminha tem um vizinho de banca (à esquerda) chamado Pio (38 anos) há quase dez anos. À direita dela, está a banca de Edgar (35 anos). Ele trabalha sozinho e, assim como Tito, é vizinho da camelô há uma década. O ‘ego’ dessa relação é Carminha, pois é dela que parte a relação de parentesco com Tito e Edgar. Ou seja, entre os dois, não percebo nenhum laço, e nem me foi dito tanto, além da amizade.

Ao contrário de Amir, esse tipo de relação acontece entre bancas distintas e, conseqüentemente, entre produtos comercializados também distintos. Isso é um fator fundamental que funciona como uma espécie de código de honra, que dá ordem e sentido às práticas sociais. Não vender o mesmo produto, significa não concorrer com o vizinho e manter a lealdade. Dizia-me Carminha:

Aqui ninguém é amigo de ninguém, se tu puder ‘comer’ o outro, tu come; baixa o preço, faz qualquer coisa para ganhar o cliente. O círculo de amizades é muito pouco. A convivência é difícil entre o pessoal da Praça XV. Tem muita concorrência em termos de dinheiro, mas não em termos de amizade. Mas, quando se relaciona com dinheiro, a negociação é grande, nosso círculo de amizade acaba terminando, porque o dinheiro chama mais. O povo pensa mais no dinheiro do que na amizade. (...) Aqui é cada um por si, muita competição. Não tem essa aí que tu fala de que a gente é como uma família. [pergunto sobre Tito e Edgar] Ah... daí é diferente. Quando sai uma mercadoria nova, tomo mundo quer ter. Mas nunca entre amigos, entre os vizinhos sempre procuramos vender uma coisa diferente. Se vende a mesma coisa é traição.

Tito acrescenta: “Daí tu muda. Traz coisas diferentes, digamos assim... um vai para o Paraguai, outro para São Paulo...”.

Num dia de conversa, eu insistia com Carminha para tentar entender qual a intensidade do vínculo que ela tinha com Tito e Edgar. Minha intenção era me convencer (ou não) de que havia um elo de parentesco simbólico entre eles, visto que entre Amir, Vilma e José isso estava muito claro e evidente. Então, ela respondia que de forma alguma seus vizinhos eram como da família. Entretanto, em outras palavras, ressaltava:

A gente passa mais tempo aqui do que em casa. A minha família é aqui. São 15 horas por dia, contando Sábado e Domingo. Tenho mais contato com eles do que com minha filha. Mas eles não podem ser como irmão. Mas eu convido ele para ser padrinho da minha filha, eles me convidam para ser da deles. A gente vê aqueles guri crescer... Nesse ponto sim, eu só confio neles para deixar a minha banca...

A partir dessas considerações, creio que diante de uma lógica comercial competitiva extremamente acirrada, nascem elos fortes pautados pela fidelidade e convivência. O fato de Carminha dizer que eles não são da família, não significa que não haja um vínculo de parentesco. Afinal, dentro de seu universo simbólico, a palavra ‘família’ tem um significado bem específico. Ainda assim, ela reconhece a proximidade, intensidade e continuidade do vínculo. Para quem vive (e sobrevive) das vendas de uma banca, deixá-la sob os cuidados de outrem significa um grane investimento de confiança.

Reciprocidade é a palavra chave para entender essa dinâmica. As práticas de dom e contradom atuam numa temporalidade muito curta. São pequenos favores que se repetem e são devolvidos inúmeras vezes no mesmo dia; gerando uma cadeia, uma forte rede que sustenta a rela-

ção entre os vizinhos. Entretanto, ao mesmo que tempo que é forte, também é frágil, visto que, se rompida, gera conflitos imediatos. Vejamos alguns exemplos de Carminha em uma mesma tarde no camelódromo (novembro 2003):

- ◆ Pede para Edgar: “me dá 40 real para eu dar uma saidinha...”. Ele: “me devolve amanhã, senão cobro cinco real de juro”.
- ◆ Sai para tomar café comigo: “Tito, cuida da minha banca um instantinho”.
- ◆ Atende um cliente: “Tito, tem troco?” Ele, de mau-humor: “Não me enche o saco”. Ela sai para um canto e me leva junto, chora: “grosso, como Tito é grosso”.
- ◆ Mais tarde: Tito precisa de ajuda de Carminha. Ela finge que não ouve. Ele fica sem ajuda e não tem como se afastar para comer e/ou ir ao banheiro.
- ◆ No outro dia os dois fazem as pazes. Ela: “Que eu posso fazer?...”

Diante da penúria do trabalho na rua, esse tipo de solidariedade cotidiana é fundamental para a manutenção do ofício. Mas isso não significa que o vínculo forte entre eles ocorra somente em virtude de uma necessidade de sobrevivência na rua. Ao contrário, o elo é criado por afinidade. Afinal, ele é seletivo, ou melhor, existem muitos vizinhos e poucos amigos, somente alguns são escolhidos. Se a razão fosse prática, o caminho lógico seria que todos fossem amigos; e o camelódromo, uma ‘grande família’. Afinal, caso a lógica da competição desse lugar à da solidariedade generalizada, muitos problemas do cotidiano seriam vencidos. Por exemplo, o prejuízo que os camelôs possuem em dias de chuva, por não conseguirem uma cooperação geral para montar uma lona de proteção.

É interessante ressaltar um último fator: se no arranjo anterior a hierarquia de diferenças geracionais estava fortemente presente, aqui, trata-

se de conexões formadas por pessoas da mesma faixa-etária. Devido a esse motivo, as noções de compadre e irmão, são mais acionadas do que outras em virtude de serem categorias que, em geral, não pressupõem uma grande diferença de geração.

Da Família do Mundo

Apresentarei um nível de organização de parentesco que envolve alguns sacoleiros em suas viagens semanais para o Paraguai. O informante-chave desse capítulo será Chico (marido de Carminha). A partir dele, procuro mapear suas conexões com outros sacoleiros.

Cabe ressaltar que a 'família do mundo' possui uma característica bastante peculiar: é um universo extremamente masculino. Em geral, são homens quem viajam para o Paraguai, e eles compartilham um *ethos* de coragem e bravura para enfrentar as 'aventuras e desventuras' da comercialização do contrabando. Eu conheci esse espaço, viajando ao lado de Chico com, evidentemente, o total apoio de Carminha para tanto. Fui reconhecida o tempo inteiro como pesquisadora e isso me possibilitou transitar pelo mundo dos homens sem maiores problemas. Pois bem, creio que a melhor maneira possível para falar desse arranjo de parentesco é narrar alguns episódios da viagem que podem ser bastante esclarecedores.

No mês de Natal de 2003, o Governo federal decretou que todos os ônibus que portassem contrabando do Paraguai seriam multados em 20.000 reais. Devido a isso, houve um pânico geral que explodiu entre os camelôs de Porto Alegre. Todas as excursões foram canceladas. Eu estava na casa de Carminha quando fiquei sabendo disso e, entre eles, havia mais ou menos o seguinte discurso, em tom de histeria:

Se essa política continuar, nós vamos ter que fechar o negócio ou só vamos trabalhar com produto de São Paulo. Teremos que demitir nossos funcionários, por que em primeiro lugar está a sobrevivência da *família* da gente.

A fala demonstra claramente uma prioridade, racionalizada em estratégias econômicas, sobre a ‘família de casa’. Porém, esse fato não se confirmou com as minhas observações em campo. Afinal, durante o momento de crise, foram as relações de parentesco simbólico que se sobressaíram naquele período (da rua e do mundo).

Percebi que era um bom momento de viajar, pois acompanharia uma época de efervescência. Disse a Chico que, mesmo não saindo excursão, nós poderíamos ir de ônibus de rodoviária. Ele aceitou. Quando chegamos na rodoviária, achei que ninguém se conheceria porque viajaríamos num ônibus de linha e não de excursão. Todavia, o inusitado ocorreu: todos se conheciam e estavam felizes de se reencontrar depois de tanto tempo. Durante a madrugada, paramos para lanchar, Chico encontrou um velho amigo e, então, iniciou-se uma intensa troca de informações entre eles. Falavam sobre um terceiro sacoleiro que havia sido preso e precisava que alguém o salvasse daquela situação. Esse fato me chamou a atenção, no momento em que percebi o quão recorrente é a troca de informações entre sacoleiros que estão viajando com aqueles que já estão no Paraguai e/ou com os que ficaram em Porto Alegre. Eles usam, para tanto, telefones celulares, rádios e se comunicam através de uma linguagem codificada.

O amigo do ônibus chamava-se Roberto, um homem de aproximadamente 40 anos. Ele levava consigo uma maleta repleta de celulares roubados que seriam vendidos em Ciudad Del Este. Convidou-nos para posar na casa dele e de sua esposa em Foz do Iguaçu (cidade brasileira

que faz fronteira com o Paraguai). Chico nunca tinha visto a esposa do amigo, mas aceitou logo o convite e se apropriou naturalmente da casa como se fosse sua. Retribuindo a estadia, ele pegou parte das mercadorias roubadas de Roberto e atravessou a fronteira. Para mim, a intimidade que os dois apresentavam era fantástico, afinal eles só se encontravam em viagens e de tempos em tempos. Mas a distância não parecia ser um problema. Além disso, preocupavam-se em como salvar o tal amigo que estava passando por uma situação difícil. Depois eu fui descobrir que 'salvá-lo', não era apenas retirá-lo da prisão, mas ingressar na fronteira brasileira com sua mercadoria (provavelmente drogas).

Depois das compras no Paraguai, fui convidada para um passeio na cidade de Foz do Iguaçu. De repente, os dois começaram a se articular com vários outros comerciantes e nós acabamos num hotel que, ao redor da piscina, tinha dezenas de sacoleiros reunidos, presos em Foz do Iguaçu por não poder seguir com contrabando naquele período. Chico se uniu aos demais sacoleiros e, na borda da piscina, Roberto comentava com a esposa e os colegas:

Cadê aquele filho da mãe, eu vou matar aquele filho da mãe. Eu tenho dois processos que carrego por causa das mercadorias dele, eu fui para a cadeia por ele, e agora? E agora ele não quer me pagar o que deve? Por causa de 20 reais ele sumiu? Eu vou matar aquele filho da mãe...

E eu ali, no meio de aquilo tudo, daquele código de honra masculino. Meu estranhamento foi tanto, de tantos homens bebendo e de tantas práticas de comércio ilícito sendo comentadas, que acabei pedindo para ir embora. Refletindo posteriormente, percebi que assumir um processo e ir preso por alguém é uma prática extremamente forte. Pois, eu – refletindo sobre meus princípios morais – talvez só fizesse isso por

algum parente. Eis a chave da questão. Quando eles retornaram à casa, falaram-me: “Tu viu como nós somos uma irmandade? Isso tudo é a família da gente”. Fascinada com o que ouvia, perguntava mais sobre isso, e eles, na volta para Porto Alegre, sempre reafirmavam a palavra irmandade.

Concluí que se trata, de fato, de uma irmandade. Ou seja, de um arranjo de parentesco simbólico sustentado pela ajuda-mútua em longo prazo. Afinal, quando se é preso por alguém, está implícito que o retorno não é imediato e que virá quando aquele que hoje está ajudando, amanhã estará precisando de ajuda. Segundo os sacoleiros, só se faz isso por que todos estão na mesma situação, e o dom é oferecido sem a espera de retorno. Conforme a definição de White (2000), aqui já citada, parentesco são vínculos sociais pautados na doação de favores sem a espera de retorno imediato.

Nessa forma de arranjo, as trocas sociais são feitas em longo prazo, ao contrário da lógica da rua que clama por um imediatismo nesse processo. Antes eu falei em uma reciprocidade cotidiana, agora acho mais conveniente falar em lealdade. Tal lealdade como a que opera na máfia, mostrada muito bem por Ianni (1971) Para ele, as conexões existentes entre os mafiosos, gera uma rede de parentesco, baseado na lealdade. Desse modo, é isso que faz com que exista uma organização criminosa coesa e forte. No caso dos meus informantes, percebi justamente que no momento em que um sacoleiro assumia a mercadoria do outro e se mantinha em silêncio, por mais ilícita que ela fosse, isso confundia e dificultava o acesso da polícia, tornado a rede ainda mais interligada. Além da lealdade – comum entre grupos que trabalham com produtos ilegais – Ianni mostra como, a partir da coesão, nascem muitas alianças conjugais no âmbito da rede de irmandade. Isso ocorre igualmente com os sacoleiros; pois se formam muitos casais de comerciantes, ora com mulheres paraguaias que atravessam a fronteira com contrabando, ora com mulhe-

res policiais que atuam também na fronteira brasileira.

Finalizando, narrarei um episódio que ocorreu comigo na volta para Porto Alegre.

Como eu não comprei nada em Ciudad Del Este, cedi a Chico a minha cota, que a Receita Federal permite que cada cidadão brasileiro gaste no Paraguai. Então Chico deu-me três sacolas dos produtos para eu trazer e deu mais três a Roberto. Contudo, não tive como ver o que ele colocou dentro, porque a divisão de mercadorias por bagagem foi feita durante a madrugada. Acordei e ele me deu as sacolas arrumadas e fechadas. Eu estava com muito medo de a Polícia parar o ônibus, Chico suava frio. Passando 100 km de Foz, a Polícia Rodoviária Federal parou o ônibus, olhou para o bagageiro e perguntou: “De quem são aquelas sacolas listradas?” Eu, sem me dar conta, fiquei imóvel. O Chico ficou me olhando com apreensão e, após poucos segundos, todos os passageiros também estavam me olhando. Então, percebi que eram as que eu carregava. Levantei-me e, com as pernas trêmulas, falei: “são minhas”. Nesse meio tempo, os policiais notificavam uma mulher que estava sentada na minha frente no ônibus. Ela responderia a processo por transportar contrabando. Quando chegou na hora deles olharem as ‘minhas’ mercadorias, eu resmunguei, alegando que eu só trazia bobagens. Eles me deixaram seguir, livre-me de um processo e livre Chico também.

Para mim, o meu gesto era um verdadeiro ato de heroísmo etnográfico. Porém, os sacoleiros nem agradeceram. Agiram indiferentemente como se fosse o ato mais natural do mundo. Se eu estava ali, meu papel era participar do código de honra. O interessante disso tudo é que Chico e Roberto faziam questão de me situar como pesquisadora o tempo inteiro depois do acontecido. Ou seja, não basta ser leal para ‘entrar para a família’. Afinal, entre eu e eles já existe uma ruptura preestabelecida, oriunda de minha condição socioeconômica, de meus valores, de minha linguagem e por eu ser mulher. Ser da ‘família do mundo’ exige mais do

que lealdade: é preciso compartilhar de um *ethos* em que lembranças e vivências ‘heróicas’ são exaltadas e constituem-se condição primordial para o reconhecimento de um membro da irmandade.

Considerações finais: Como se cruzam os três arranjos?

Schneider (1992), além criticar as noções ocidentais biologicizantes do parentesco (fundamentalismo biológico), também contribuiu para a negação da análise do parentesco enquanto um campo isolado na Antropologia. Yanagisako (1995) avançou nessa idéia, salientando que a religião, gênero e política, por exemplo, devem estar atrelados aos estudos do parentesco, para que encaremos esse campo como um fato social total atravessado por interesses, políticas e valores diversos.

A recognition that the boundaries that separate off domains, such as ‘science’, ‘kinship’, ‘politics’, ‘economics’ and ‘religion’, are cultural constructions offers the possibility of asking ‘how culturally-specific domains have been dialectically formed and transformed in relation with other cultural domains, how meanings migrate across domain boundaries, and how specific actions are multiply constituted. (Yanagisako *apud* Carsten 2000: 13)

Quando passei a conceber os três arranjos de parentesco, procurei entendê-los como subsistemas de um sistema maior que (conforme disse na introdução) gira ao entorno do trabalho de camelô e sacoleiro. Um dos fatos relevantes é que os informantes apresentados circulam por mais de um arranjo, neles se movimentam e criam laços e identidades. Pensando o parentesco como um campo amarrado e atravessado por outros, observei que um fato político-econômico que envolve fronteira

nacional (o decreto do Governo Federal apreendendo mercadorias), por exemplo, mexe com a estruturação dos arranjos. De acordo com o que Carminha e Chico disseram-me antes da viagem ao Paraguai, se a tal política continuasse, a 'família de casa' tenderia a se fortalecer, e da 'rua' e das 'viagens' seriam deixadas de lado por uma questão de 'sobrevivência'.

Esse discurso – medido e calculado em perdas e danos, lucros e prejuízos – porém, não se confirmou na prática segundo minhas observações em campo. Chico esteve muito mais próximo da irmandade nesse período do que com sua família doméstica. Comentava-me no ônibus que, se a crise econômica continuasse, ele procuraria outra atividade profissional e isso poderia fazer com que ele se separasse de Carminha. Do mesmo modo, Carminha também se apegou mais aos vizinhos, compartilhando o desespero da crise econômica.

Vejamos um quadro sobre a intensidade dos sistemas de parentesco diante de um episódio de crise econômica:

1. Fala do nativo:

	Situação estável	Instabilidade
Família da casa	-	+
Família da rua	+	-
Família do mundo	+	-

2. Observações de campo:

	Situação estável	Instabilidade
Família da casa	+	-
Família da rua	-	+
Família do mundo	-	+

Não pretendo sobrepor minha observação à fala do nativo. Porém, no primeiro caso trata-se de um discurso articulado e racionalizado. No

segundo, são palavras ditas espontaneamente seguidas de um contexto geral do qual participei intensamente.

Assim, a partir das tabelas, concluo que de acordo com a lógica de ‘estratégia de sobrevivência’¹³, os camelôs tenderiam a se centrar no núcleo doméstico, onde o lucro seria mais garantido e os gastos racionalizados. No entanto, ao contrário disso, em momentos de instabilidade, os arranjos se configuraram exatamente de forma contrária, pois foram os laços unidos pela solidariedade, reciprocidade e lealdade que se sobressaíram em relação aos laços consangüíneos, de aliança e reprodução.

Não creio que a configuração dos arranjos se dê sempre desta forma. Trata-se de uma situação singular que se formou no período em que eu estava observando. Cada um dos arranjos de parentesco assume diferente ordem de importância conforme o contexto social. Através de uma análise situacional, que levou em consideração a complexidade do cotidiano, o momento político e econômico, pude compreender o parentesco como um sistema amplo, aberto e criativo. Os três arranjos aqui trabalhados, enfim, constituem uma dinâmica que, embora autônomos em suas linguagens, estão entrelaçados.

Bibliografia

CARSTEN, Janet (ed.). 2000. *Cultures of Relatedness*. Cambridge: Cambridge University Press.

CERTEAU, Michel de. 2002. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes.

¹³ Fonseca critica a noção de que a organização familiar dos grupos populares ocorra em virtude de estratégias de sobrevivência. Para ela, essa noção é provocadora de reducionismo econômico, pois as estruturações de parentesco não são meras adaptações à pobreza, “há maneiras e maneiras de sobreviver” (2000: 60).

- DUARTE, Luis Fernando. 1994. "Horizontes do indivíduo e da ética no crepúsculo da família." In RIBEIRO, I. & RIBEIRO, A. C. T. (org.): *Família e sociedade brasileira: desafios nos processos contemporâneos*, pp. 27-61. Rio de Janeiro: Fundação João XIII.
- FEINBERG, R. & OTTENHEIMER, M. (eds.). 2001. *The Cultural Analysis of Kinship: The Legacy of David Schneider*. Champaign: University of Illinois Press.
- FONSECA, Claudia. 2000. *Família, fofoca e honra*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- FOX, Robin. 1986. *Parentesco e casamento: uma perspectiva antropológica*. Lisboa: Veja.
- GINSBURG, F. & RAPP, R. (eds.). 1995. *Conceiving the New World Order*. Berkeley: University of California Press.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1956. "A Família." In SHAPIRO, H. (ed.). *Homem, cultura e sociedade*, pp. 7-45. São Paulo: Fundo da Cultura.
- _____. 1986. "Família, casamento e parentesco." In *O Olhar Distanciado*, pp. 69-133. Lisboa: Edições 70.
- PARSONS, Talcott. 1949. *Ensayos de teoría sociológica*. Buenos Aires: Paydos.
- SCHNEIDER, David. 1972. "What Is Kinship All about?" In REINING, P. (ed.): *Kinship Studies in the Morgan Centennial Year*, pp. 88-112. Washington, D.C.: Anthropological Society of Washington.
- _____. 1992. *A Critique of the Study of Kinship*. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- VELHO, Gilberto. 1987. "Família e subjetividade." In ALMEIDA, A. & PAULA, S. (org.): *Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade*, pp. 79-87. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.
- YANAGISAKO, Sylvia & DELANEY, Carol (eds.). 1995. *Naturalizing Power*. New York: Routledge.
- WHITE, Jenny. 2000. "Kinship, Reciprocity and the World Market." In SCHWEITZER, Peter (ed.): *Dividends of Kinship: Meanings and Uses of Social Relatedness*, pp. 124-50. New York: Routledge.

Recebido em agosto de 2005

Aprovado para publicação em abril de 2006